

Administrador da Funai teria chefiado massacre

Acusado diz que história de assassinato de 30 korubos em 1975 é fantasiosa. Índios de outras tribos o contradizem

Amaury Ribeiro Jr.

Enviado especial

• ATALAYA DO NORTE E TABATINGA (AM). O administrador da Fundação Nacional do Índio (Funai) em Tabatinga, Valmir de Barros Torres, é apontado como principal protagonista de uma história ainda por ser totalmente escrita. Ele é acusado de comandar o massacre de pelo menos 30 índios korubos, há 25 anos. O ticuna Paulo Ramos, o Paulo Canhão, funcionário aposentado da Funai, se diz testemunha do massacre:

— Foi por ordem do Valmir. Pelo menos 30 korubos foram abatidos na expedição de contato com os korubos em 75 — disse Canhão, que gravou sua entrevista num bar de Tabatinga.

Segundo ele, às 17h do dia 6 de novembro de 1975, uma expedição de 18 integrantes, comandada pelos sertanistas Jaime Pimentel e Valmir de Barros Torres, tentava contato com os korubos na margem direita do Rio Itacoai, um dos principais do Vale do Javari, na divisa do Brasil com a Colômbia e o Peru. Índios canamaris, ticunas, marubos e mayrunas, a serviço da Funai, compunham a maioria da expedição. Eles eram úteis por conhecer a região e por falar a língua dos korubos, conhecidos também como caceteiros.

Paulo Canhão contou que, no dia do massacre, os korubos se aproximaram da outra margem do Itacoai. Pimentel e Torres atravessaram o rio para o contato e foram cercados pelos índios. Pimentel tentou fugir em direção à mata, mas tropeçou e teve a cabeça esmagada com golpes de borduna. Torres teve mais sorte e chegou até a canoa.

Segundo Canhão, ao voltar ao acampamento da Funai, Valmir Torres distribuiu munição aos índios intérpretes e deu ordens à equipe, que assistira à morte de Pimentel da outra margem do rio, que a vingasse. Teria tido então início o massacre.

Canhão contou que os korubos lutaram com bordunas e lanças, mas tiveram poucas chances contra as espingardas da Funai. Segundo ele, depois de duas horas de combate, uma fumaça se espalhou pela floresta cobrindo os corpos de pelo menos 30 korubos no chão. Paulo Canhão disse que, dos 18 membros da expedição, só ele, o cozinheiro Dorval, e o índio Arigó Mayruna se recusaram a matar os korubos.

Acusado conta outra história

• O acusado, Valmir Torres, vangloria-se de seus 38 anos de Funai, dos quais 27 anos na região, e contou uma história totalmente diferente.

— Não houve disparo. Na hora da confusão, os índios (intérpretes) estavam caçando — disse Valmir — Eu conhecia a mata e por isso escapei. Depois de matar o Pimentel, os korubos ficaram calmos e pude voltar para a base.

Valmir Torres explicou que no fim de 1974 já tinha feito um contato com os korubos. Marcou novo encontro para "três luas" depois. Mas estava de férias, a Funai mandou outra equipe para o encontro.

— Ao se deparar com um grande número de korubos, a equipe se apavorou e deu tiros para cima. Isso revoltou os índios, que resolveram se vingar

— disse.

Mas a versão contada por Paulo Canhão é confirmada por Sabá, um índio canamari. Morando atualmente na aldeia Massapê, a dois dias de barco de Atalaya do Norte, Sabá diz que não se sente culpado pelas mortes dos índios.

— Só eu matei uns 15. Fiz isso porque o Valmir mandou. No fim do tiroteio, o cano da minha espingarda estava pegando fogo — conta o índio.

Entres os que participaram do massacre, segundo Canhão, estavam os funcionários da Funai Moisés, Pedro e Valmir Torres; os canamaris Sabá, Zé Apuiúna, Jeanin e Eduardo; os marubos Pedro Comapa e Ezequiel; os mayrunas Arigó e Augusto Oliveira, conhecido como Augusto Fumaça, que é casado com uma índia ticuna.

— Um dia depois do massacre, um barco da Funai veio buscar o corpo de Pimentel, e o Valmir mandou um relatório para Brasília, em que as mortes dos índios certamente não foram relatadas — disse Canhão.

Índios confirmam massacre

• Os índios citados por Canhão não esconderam a história nas aldeias em que vivem. Segundo o índio Edilson Canamari, que representa sua aldeia na organização não-governamental Civaj (Conselho Indígena do Vale do Javari), além de Sabá teriam participado no massacre o seu tio, Zé Apuiúna, Jeanim Canamari e Cori Canamari. Edilson explica que seu tio e os demais índios sempre falaram do massacre.

O episódio também foi relatado ao índio Darci Marubo pelo seu tio Ezequiel Marubo, que fazia parte da comitiva.

— Meu tio conta que os korubos ficaram chorando três dias pela mata — conta Darci, numa versão semelhante à de Milton de Freitas, que, na época do conflito era dono de um seringal nas proximidades.

Para o presidente do Civaj, o marubo Clóvis Rufino, o massacre prova que a Funai tem dificuldades para apurar atos ilícitos de seus funcionários.

— Todo mundo na região sabe da história. O Pedro Comapa, funcionário aposentado da Funai, conta que participou do massacre, mas o Valmir continua impune, com um cargo estratégico na região — afirma.

Coordenador, na época, das frentes de contato na Região do Alto Solimões, o sertanista aposentado Sebastião Amâncio, que mora em Manaus, disse que no dia do conflito estava na aldeia ianomâmi, em Ro-

raíma, a trabalho. Mas conta que, ao voltar, ouviu a história de Jeanim Canamari, que dizia ter matado vários korubos. Segundo Amâncio, Valmir Torres defendeu-se garantido que tudo era imaginação do índio.

— Agora que surgem novos depoimentos, gostaria de ver a versão do Valmir publicada para dar a minha opinião final — disse Amâncio.

Raimundo Augusto contou que seu pai, o Augusto Fumaça, que teria participado do massacre, foi convidado por Valmir para conversar sobre o episódio há poucos dias. Embora negue o massacre, a versão de Augusto — de que os tiros foram para cima — contraria a do próprio Valmir, que garante que não houve disparos.

Gilmar Jóia Figueiredo Costa, administrador da Funai em Atalaya do Norte, onde mora a maioria dos índios que afirmam ter participado do massacre, diz-se colega de maçonaria de Valmir e reage ao ser perguntado sobre o massacre.

— Quero ver que índio está dizendo isso — esbravejou.

A não apuração dos fatos tem sido usada como justificativa pelos pescadores da região, que ameaçam a invadir a reserva do Vale do Javari, em processo de demarcação.

— A Funai não tem moral para falar da gente, já que foi autora do maior massacre de korubos — afirmou Jorge Vieira, presidente da Colônia dos Pescadores Profissionais de Benjamin Constant, que garante ter ouvido a história do massacre do índio Sabá e de pescadores que em 1975 moravam perto do Rio Itacorai. ■

Uma guerra na mata

• 1972: Korubos matam a cacetadas um pescador identificado como Daniel, às margens do Rio Novo.

• 1973: Três índios incendiaram um posto da Funai, matando uma mulher.

• 1975: Um grupo de 30 índios emboscaram Valmir Torres e Jaime Sena Pimentel, que morre a cacetadas. Em represália, Torres teria comandado a execução de 30 índios.

• 1976: Korubos atacam o acampamento de madeireiros, perto das margens da Foz do Rio Branco. Matam um.

• 1981: Madeireiros distribuem farinha envenenada a Korubos na foz do Rio Branco. No mesmo ano, madeireiros atacam um grupo de índios: 13 podem ter sido mortos.

• 1982: O Cimi informa que 40 índios Korubos são mortos no Vale Javari.

• 1989: Uma expedição de 15 homens, comandada por madeireiros, sai à procura dos índios no Rio Ituí: três índios são mortos. Os corpos são enterrados, mas encontrados pela PF.

• 1991: Korubos matam um madeireiro, conhecido como Dosa, deixando apenas o crânio.

• 1997: Índios matam a bordunadas um funcionário da Funai.

• Fontes: Cimi, Funai, PF e moradores da região.

Korubo conta assassinato dos pais

Pescadores e madeireiros do Vale do Javari acusados de mortes em 1995

• ATALAYA DO NORTE (AM). Tão logo os repórteres do GLOBO se aproximam da maloca de sapê, erguida pelos korubos no meio da selva, o índio Xixu começa a contar o assassinato, ocorrido em 1995, de seus pais e parentes por pescadores e madeireiros da região. Os jornalistas estão com o chefe da frente de contato do Vale do Javari, o sertanista da Funai Rieli Franciscato, e os índios Vumpa Marubo e Txamã Mati, que entendem o idioma korubo.

— Xixu quer dizer que dez de seus parentes foram assassinados por madeireiros e pescadores — afirma Mati Txamã, citando os mortos enumerados por Xixu na língua korubo: Yoó (pai de Xixu), Thumá (mãe), Mamoá, Pasto, Pati, Moó, Tiquet, Bativa, Marochheim e Kaniual.

Enquanto mostra um pedaço de chumbo cravado na perna, Xixu descreve as mortes, ocorridas entre os rios Ituí e Quixito, garantindo que sabe onde estão as ossadas.

— Foram os pescadores do Ladário que mataram nosso povo. Posso mostrar onde es-

tão os corpos dos meus pais.

O massacre — testemunho de que, 50 anos após os primeiros contatos com os brancos, os korubos ainda vivem uma guerra pela sobrevivência na mata — passa a ser descrito por Marebó, que, a exemplo de Xixu e Txasamabó Maiá, também tem pedaços de chumbo no corpo, fruto de disparos de pescadores e madeireiros da região.

— Na hora do tiroteio, pulei no rio e vi quem atirou: Raimundo Filho, Otávio (Oliveira) e Caboclo (Laurimar Alves Lopes). Seguimos a pegada deles e chegamos na comunidade do Ladário, onde os homens brancos maus moram — conta Marebó na língua korubo.

Sertanista vai procurar ossadas com os índios

Atento às revelações, o sertanista Rieli, que está na região desde o ano passado, combina com Xixu, uma expedição para buscar as ossadas dos índios na Semana Santa.

— Temos que investigar essas mortes. Esse relato mostra que os índios são mortos a ba-

las como porcos do mato — diz Rieli, para quem os depoimentos confirmam as denúncias do Conselho Indígena Missionário (Cimi), em fevereiro de 1995, de que um grupo de korubos teria sido assassinado por moradores do Ladário.

Localizados pela equipe do sertanista Sidney Possuelo, em outubro de 95, perto do Ituí, o grupo de Xixu e Marebó, composto por 18 korubos, vive na selva e só esporadicamente mantêm contatos com funcionários da Funai. A aldeia é na reserva do Vale do Javari, de 8,5 milhões de hectares, em processo de demarcação. Além dos korubos, moram na reserva sete outros grupos arredios. O maior reúne 800 korubos, ainda não contatados pela Funai. Para proteger os índios de moradores e pescadores, a Funai montou uma base na confluência dos rios Itacoá e Ituí.

Conhecido como caceteiros, os korubos enfrentam há meio século uma guerra com madeireiros, seringueiros e pescadores que já teria deixado centena de mortes.

Apontados pelos korubos

como autores do massacre que resultou na morte dos pais de Xixu, os pescadores Raimundo Andrade e Laurimar Lopes, o Caboclo, integraram a comitiva do sertanista Sidney Possuelo que, em outubro de 95, manteve contato com korubos nas proximidades do Rio Ituí. Fazia parte da expedição Valdecirios, o Soldado, indiciado, junto com seis seringueiros, pelos assassinato de três korubos em 2 de setembro de 89 na margem esquerda do Itaquiri.

Acusado foi demitido da frente de contato da Funai

Até o ano passado Soldado trabalhava na frente de contato. Foi demitido pelo sertanista Rieli Franciscato, que assumiu seu cargo em agosto.

— Fiquei surpreso ao ver que ele estava indiciado no inquérito. Tive que demiti-lo.

Localizado na comunidade São Gabriel, Soldado negou ter participado do assassinato. Disse que apareceu no local do crime por curiosidade. Caboclo, que garante ter ajudado a Funai a localizar os índios, também nega participação. ■



ÍNDIO KORUBO carrega filho pequeno nas costas, na reserva do Vale do Javari, na Região Amazônica



PAULO CANHÃO, o acusador

